



IMPORTÂNCIA DO TRABALHO DE CAMPO EM GEOGRAFIA: aplicação do modelo morfológico-funcional em Pará de Minas/MG

Elisângela Gonçalves Lacerda

Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais

Felipe de Ávila Chaves Borges

Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais

Daniella Teixeira Carmo de Oliveira

Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais

Resumo

O trabalho de campo é indispensável em qualquer pesquisa geográfica e, quando bem planejado, oferece condições para uma melhor compreensão da realidade. É imprescindível que um profissional em Geografia saiba planejar e realizar um trabalho de campo, bem como explorar os dados obtidos por meio deste. Assim, o trabalho objetiva utilizar das diversas etapas de um trabalho de campo para caracterizar o município de Pará de Minas em diferentes aspectos, bem como traçar um esboço do modelo morfológico-funcional das cidades médias mineiras do distrito sede do referido município e relacionar suas formas e funções. Para tanto, foram realizadas pesquisas bibliográficas acerca das temáticas: trabalho de campo e cidades médias. A partir desse referencial coletaram-se dados necessários à realização do trabalho de campo. Posteriormente foi-se a campo onde se teve o contato com a realidade para observações e coleta de dados. Por último reuniu-se e trataram-se os dados e as observações obtidas em campo. Constatou-se a presença de quatro zonas distintas em Pará de Minas, a saber: central, pericentral, periférica contínua e periférica descontínua. O trabalho de campo se mostrou bastante eficiente enquanto uma etapa da pesquisa geográfica.

Palavras-chave: Trabalho de campo. Modelo morfológico-funcional. Pará de Minas.

***IMPORTANCE OF FIELDWORK IN GEOGRAPHY:
application of morphological functional model in
Pará de Minas/MG***

Abstract

The fieldwork is indispensable in any geographical research and, when well planned, offers conditions for a better understanding of reality. It is imperative that a professional in Geography learn to plan and conduct fieldwork as well as explore the data obtained in the field. Thus, this paper aims to use the various stages of field work to characterize the municipality of Pará de Minas in different aspects and trace an outline of the morphological-functional model of the mining towns of the district averages seat of the municipality and the relationship between such forms and functions. To do so, literature searches were conducted on the theme of fieldwork and medium-sized cities. From this benchmark was collected necessary data to perform the field work. Later went to the field where occurs the contact with reality to observations and data collection. Finally data and observations obtained in field had been treated. Four distinct zones were found in Pará de Minas: central, pericentral, peripheral continuous and discontinuous peripheral. The fieldwork has been very efficient while a step of geographical research.

Keywords: Fieldwork, Morphological-functional model, Pará de Minas.

INTRODUÇÃO

Em 1941, Mao Tsé Tung, ditador chinês, proclamou a seguinte frase: Sem pesquisa de campo ninguém tem direito a falar. Embora estivesse direcionando-se aos revolucionários, essa sentença também tem grande valor sobre a pesquisa geográfica (KAISER, 2006). Isso porque a Geografia tem a especificidade de trabalhar com o espaço e as relações nele presente, sejam elas de ordem naturais, humanas ou de ambas, bem como a possibilidade de análise em diferentes escalas (SERPA, 2006). Assim, torna-se imprescindível o contato com a realidade estudada.

O trabalho de campo em pesquisas geográficas, além de emergir o pesquisador em seu objeto de estudo, é instrumento chave para a superação das ambiguidades e dicotomias presente na Geografia, como a recorrente separação entre Geografia Física e Humana e as diferentes escalas de análise. Assim, deve-se basear um trabalho de campo na totalidade do espaço, articulando os atributos físicos e humanos e também as relações daquele espaço estudado com outros que influenciem o mesmo (LACOSTE, 1985; SERPA, 2006).

Para a realização de um trabalho de campo deve-se aliar teoria e método. Assim, é necessária uma forte base teórica em consonância com a proposta de campo idealizada. Para tanto, faz-se necessário a definição e o conhecimento prévio do tema a ser estudado, bem como dados já disponibilizados sobre a área a ser estudada (ALENTEJANO, ROCHA-LEÃO, 2006; SERPA, 2006), tais como estudos de caso, imagens de satélite, cartas topográficas e outros. Feito isso, deve-se focar em campo, sobretudo, naquilo previamente definido e estudado, evitando uma banalização do trabalho de campo enquanto apenas atividade turística (ALENTEJANO, ROCHA-LEÃO, 2006). Dessa forma, será possível obter os dados necessários à produção do conhecimento geográfico. Deve-se salientar que após a atividade de campo o tratamento dos dados é parte necessária e indispensável.

Todas essas características do trabalho de campo, aplicado às pesquisas geográficas o torna parte do método para construção de uma pesquisa sobre as cidades médias, tema bastante discutido na atualidade. Para Amorim Filho e Serra (2001) três grandes problemas geográficos e socioeconômicos, dentre outros, estiveram no cerne da preocupação com o tema das cidades médias: (i) a exacerbação de problemas de desequilíbrios urbano-regionais; (ii) o agravamento da qualidade de vida nas grandes aglomerações urbanas e (iii) a frágil organização hierárquica das cidades. Assim, promover o desenvolvimento dessas áreas permitiria a descentralização de alguns serviços, de modo que as pessoas não necessitariam deslocar grandes distâncias para ter acesso a determinados equipamentos e serviços.

As preocupações com os centros de influência regional levaram os geógrafos brasileiros a se debruçarem sobre a temática, buscando compreender seu dinamismo interno, bem como os aspectos que levam uma cidade a ser considerada de porte médio. A definição do que venha a ser uma cidade média ainda não é consenso entre os vários pesquisadores que estudam esses espaços. Spósito (2001) coloca em relevância a função regional que determinada cidade exerce. Desse modo, para definir o papel que ela desempenha em escala regional faz-se necessário levar em consideração, além do tamanho da mesma, a sua situação funcional, ou seja, como ela estabelece no território a divisão regional do trabalho e como comanda o território.

A partir dos vários estudos que realizou sobre cidades médias, Amorim Filho (2007) produziu um modelo com a finalidade de esquematizar a organização interna de uma cidade média. De acordo com o autor, pode se dividir a área interna dessas cidades em quatro zonas, como mostra o Quadro 1. Além disso, destaca-se a presença de subcentros funcionais e polifuncionais onde predomina o setor terciário, além de eixos urbanos sequenciados por rodovias.

Zonas Características

Zona Central – Predominância de funções terciárias e com forte presença de equipamentos de alcance regional

Zona Pericentral – Função residencial predominante com presença de subcentros principalmente terciários

Zona Periférica contínua – Prolongamento da Zona Pericentral

Zona Periférica descontínua – Formada por loteamentos organizados ou por lotes desorganizados

Zona Periurbana – Transição urbano rural com presença de alguns equipamentos terciários pontuais

Quadro 1. Divisões Morfológico-Funcionais das Cidades Médias Mineiras. Fonte: (AMORIM FILHO, 2007)

Zonas	Características
Zona Central	Predominância de funções terciárias e com forte presença de equipamentos de alcance regional
Zona Pericentral	Função residencial predominante com presença de subcentros principalmente terciários
Zona Periférica contínua	Prolongamento da Zona Pericentral
Zona Periférica descontínua	Formada por loteamentos organizados ou por lotes desorganizados
Zona Periurbana	Transição urbano rural com presença de alguns equipamentos terciários pontuais

Steinberger e Bruna (2001) apontam que a população, o Estado e a iniciativa privada ganham com a existência de cidades médias, tendo em vista que tais cidades têm sido apontadas como locais privilegiados para se morar, em decorrência da qualidade de vida que oferece a seus habitantes; para se investir, pela competitividade relativa que possuem e; para se gerir, em função do tamanho reduzido que possuem quando comparadas a grandes centros urbanos. Assim, as cidades de porte médio são cada vez mais foco de políticas públicas e de capital privado, pois encontram nesses espaços condições favoráveis para promover o desenvolvimento de atividades industriais e comerciais, principalmente, desafogando as regiões metropolitanas já saturadas.

Com o exposto, este artigo tem como objetivos desenvolver todas as etapas que um trabalho de campo deve conter e, a partir disso, apresentar a configuração intraurbana de Pará de Minas, a relação entre forma-função nesse município e aplicar o modelo morfológico-funcional de Amorim Filho em Pará de Minas.

Assim, espera-se que o desenvolvimento das diferentes etapas do trabalho de campo subsidie a construção do modelo proposto por Amorim Filho. O estudo visa encontrar em Pará de Minas uma configuração intraurbana condizente com tal modelo.

Este trabalho reveste-se de grande valia, uma vez que estudos intraurbanos acerca das cidades médias não são muitos comuns e podem, colaborar para implantação de políticas públicas urbanas.

MATERIAIS E MÉTODOS

A pesquisa foi realizada em três etapas distintas e sequenciais. A primeira chamada de pré-campo, a segunda de trabalho de campo e a última de pós-campo.

No pré-campo foram realizadas pesquisas bibliográficas acerca do trabalho de campo enquanto instrumento da pesquisa geográfica, a fim de balizar a realização de um trabalho de campo eficiente, e do modelo morfológico-funcional das

idades médias mineiras. Dessa feita, emerge a necessidade de pesquisa bibliográfica sobre a história, sítio, posição, economia e situação do município para melhor compreender o espaço a ser analisado. Com o mesmo intuito, imagens de satélite do software Google Earth e uma carta topográfica do mapeamento sistemático brasileiro foram obtidas e levadas a campo. Ainda nesta etapa, o professor Guilherme Taitson Bueno fez uma visita preliminar ao local de estudo para identificação de um transecto representativo do município estudado.

Na etapa trabalho de campo deslocou-se de Belo Horizonte a Pará de Minas pela BR-262, observando a mudança da paisagem ao longo do caminho bem como o fluxo de carros e caminhões na estrada. Desembarcou-se no ponto mais alto da cidade acessível a carro, onde se discutiu sobre a paisagem encontrada (geomorfologia e sítio urbano) e aspectos regionais previamente estudados, e passou-se a percorrer o transecto a pé. Durante o percurso foram anotadas algumas características dos locais percorridos, a saber: forma e função das edificações e rede viária e intensidade de fluxo de pedestres e automóveis. Cabe ressaltar que a observação dessas características não contou com nenhum procedimento sistemático, apenas a impressão dos autores. Alguns pontos de controle foram georreferenciados a partir de um aparelho receptor de GPS, os quais identificam pontos de parada para discussão da paisagem local. Ainda foram anotados o endereço dos pontos que sugeriam a ruptura das diferentes zonas encontradas no transecto. Registros fotográficos também foram realizados para melhor ilustrar cada uma das zonas.

Já na etapa final, o pós-campo, reuniu-se todos os dados obtidos em campo (descrição da forma e função de edificações e rede viária, fluxo de pedestres e automóveis, percurso realizado, pontos de controle e endereço dos pontos de ruptura das zonas encontradas) a fim caracterizar o transecto e contextualizá-lo no modelo morfológico-funcional das cidades médias mineiras proposto por Amorim Filho (2007). Com os dados do receptor de GPS e utilizando-se do software Google Earth, foi possível obter o perfil topográfico. Preferiu-se utilizar os dados de altimetria do Google Earth pois ele contém informações de todo o trajeto percorrido e os dados do GPS não continham essas informações para todo o trajeto. A partir do mesmo software foi possível medir de forma mais criteriosa a pista de rolamento das ruas percorridas. Posteriormente, adquiriu-se novos dados (forma e função das edificações e rede viária) com recursos do Google Earth, Google Maps e Google StreetView, os quais possibilitaram a expansão do modelo morfológico-funcional. Assim, utilizando do software ArcGis, foi elaborado um esboço da aplicação do modelo morfológico-funcional na sede do município de Pará de Minas.

RESULTADOS

Área de Estudo: posição, sítio, história e situação

Pará de Minas encontra-se na porção oeste do Colar Metropolitano da Região Metropolitana de Belo Horizonte (SEGEM, 2011) (Figura 1). Seu principal acesso se dá pela rodovia BR-262.

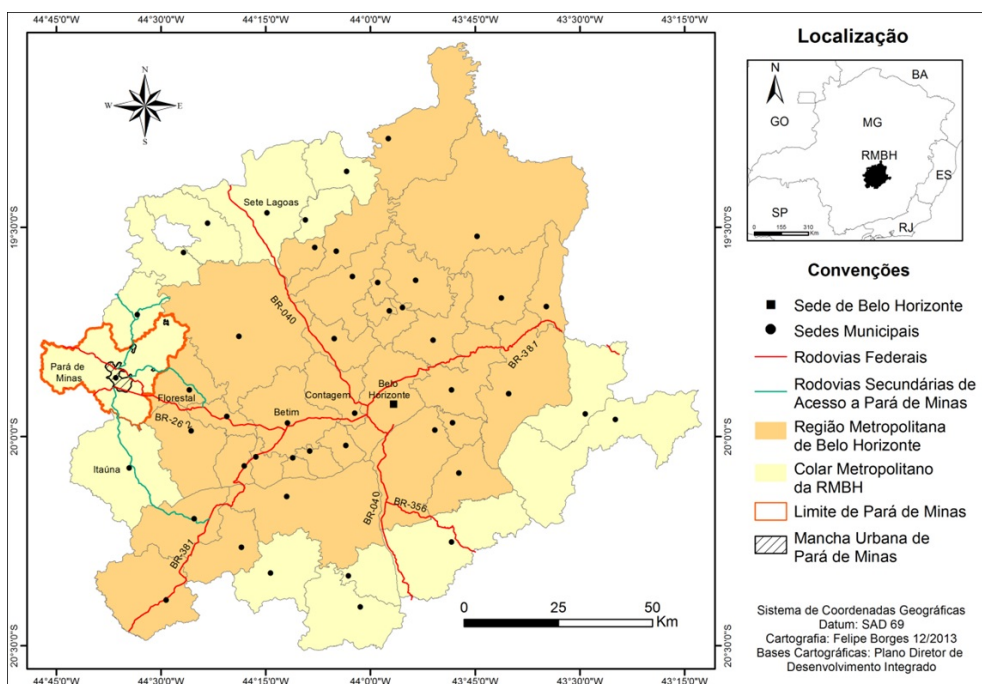


Figura 1 - Pará de Minas no contexto da Região Metropolitana de Belo Horizonte

Grande parte do município encontra-se sobre o embasamento cristalino, com predomínio do granito gnaisse de estrutura alinhada na direção Noroeste-Sudeste, embora intrusões de granitóides sejam comuns na área. Manchas de formações ferríferas bandadas do grupo Nova Lima também são encontradas na porção noroeste de Pará de Minas (CPRM, 2003). Além disso, identifica-se na parte norte e oeste do município rochas pelíticas da formação Serra de Santa Helena do Grupo Bambuí (BUENO, 2013).

O clima característico apresenta altas temperaturas (média anual de 21,3°C) e um considerável índice pluviométrico (média anual de 1.438) na maior parte do município, exceto na área da formação Serra de Santa Helena. Assim, drenagens encaixam-se nas áreas mais fraturadas do embasamento cristalino formando bacias hidrográficas de padrão dendrítico (BUENO, 2013), tanto na bacia do rio Pará (oeste do município), tendo como principal curso d'água na cidade o Ribeirão Paciência, quanto Paraopeba (leste do município) (IGAM, 2010).

Dessa forma, a morfogênese local decorre, sobretudo, de processos erosivos, gerando formas de relevo típicas do meio tropical, predominando colinas de ondulação leve a forte na área coberta pelo embasamento cristalino. Já na formação Serra de Santa Helena planaltos não dissecados são característicos na paisagem (BUENO, 2013).

Cambissolos distróficos típicos e lépticos de diferentes texturas associam-se a Neossolos distróficos e eutróficos de diferentes texturas e grau de pedregosidade e afloramentos rochosos na área colinosa do embasamento cristalino e no planalto da Serra de Santa Helena. Em superfície plana, predominam os latossolos vermelho e vermelho-amarelo, distróficos quando no embasamento e distroféricos quando em formações ferríferas (UFV et al, 2010). De forma geral

os solos não são propícios a atividades agrícolas, devido a alta lixiviação por eles sofrida e as erosões lineares, recorrentes nas colinas.

Como resultado da interação substrato rochoso, solos e clima, há a predominância da vegetação de mata ao longo da área abrangida pelo embasamento. Já na porção mais seca do planalto da Serra de Santa Helena encontra-se vegetação típica de cerrado

Pará de Minas surge ao longo de trilhas de bandeiras no final do século XVII. Como localiza-se na penúltima etapa do roteiro dos bandeirantes e em um ponto de pouso propiciado pelo ribeirão Paciência, muitos se instalaram ali, dedicando-se a agricultura e criação de animais, formando um povoado. Assim, graças às atividades agropecuárias o povoado pode se desenvolver, sendo elevado ao posto de município em 1877. Posteriormente, foram agregados alguns distritos, ao passo que outros foram desmembrados, até que em 1959 o município passa a contar com sua extensão territorial atual (IBGE CIDADES, 2014).

Pará de Minas foi, durante muito tempo, a cidade mais importante entre Betim e Araxá. É uma cidade média da qual as cidades pequenas do entorno dependem, formando uma micro rede urbana (AMORIM FILHO, 2013). Está inserida no entroncamento Divinópolis-Belo Horizonte, no eixo perimetropolitano da BR-262, perpendicular ao arco perimetropolitano oeste (AMORIM FILHO, 2013), sub-região leste, juntamente com Itaúna com o qual possui forte integração econômica (CONTI, 2009), que aliada à distância da capital e esforços políticos de seus governantes, possibilitam a diminuição do efeito inibidor de crescimento causado por Belo Horizonte (CONTI, 2009; AMORIM FILHO, 2013).

Sua relativa proximidade com a capital mineira faz com que Pará de Minas seja um município intermediador entre Belo Horizonte e os municípios menores do Centro-Oeste do Estado. Dessa forma, Pará de Minas é capaz de oferecer uma série de serviços para a população do seu entorno, tornando desnecessária a ida até Belo Horizonte.

Em 2010 residiam no município mais de 84000 habitantes e PIB próximo a 1,5 bilhão de reais, dos quais mais da metade dizem respeito a serviços (Tabela 1). No setor agropecuário sobressaem as criações de aves, gado leiteiro e de corte e suínos. No setor industrial destacam-se a alimentícia, ao passo que os serviços, carro chefe da economia paraense são sobretudo de saúde, comunicação e educação, além de autarquias do governo.

Tabela 1. Participação dos Setores da Economia no PIB de Pará de Minas.

Setor da Economia	PIB (R\$)
Agropecuária	94601
Indústria	535922
Serviços	883756

Embora a cidade tenha expressividade econômica e demográfica, em todas as classificações de hierarquização das cidades médias mineiras realizadas por Amorim Filho (1982; 1999; 2006) Pará de Minas permanece como cidade média

propriamente dita, enquanto municípios próximos, como Nova Serrana e Bom Despacho, passam a ganhar maior importância. Assim, infere-se que o município não apresenta grandes modificações de aspecto social, econômico e demográfico quando comparada as demais cidades. Dessa forma, Pará de Minas não pode mais ser considerada a cidade mais importante entre Araxá e Betim, mas sim uma das, juntamente com Nova Serrana e Bom Despacho. Dentre outros, este é um dos motivos pelo qual, nos últimos anos, a cidade passou a apresentar forte ligação com Nova Serrana, para qual oferece alimento, serviços e mão de obra (AMORIM FILHO, 2013).

Caracterização do transecto

De forma geral, o transecto caminhado (figura 2) começa no alto de uma colina (ponto 1), segue 490 metros em sentido sul para o terraço e o vale do ribeirão Paciência, continua por 980 metros no terraço desse ribeirão em sentido oeste e 900 metros sobre outra colina nos sentidos leste e sul. Por fim, desce tal colina por 550 metros até o vale do córrego que percorre sob a avenida Professor Melo Cançado. O transecto possui 2,75 km de comprimento, variando entre 786 e 901 metros de altitude, com declividade máxima de 41,4% e média de 10,9%.

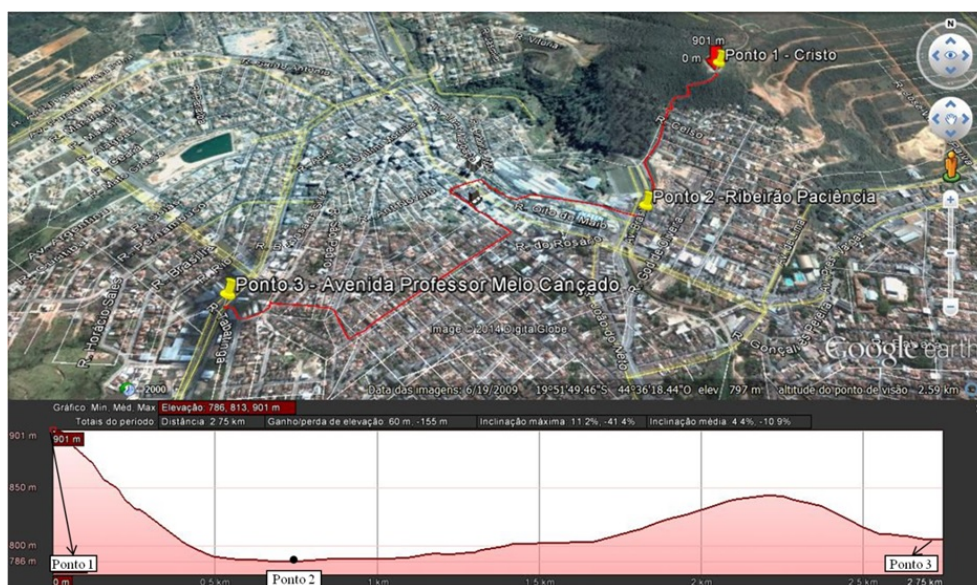


Figura 2. Transecto percorrido (linha vermelha), pontos de controle (pontos amarelos) e perfil de elevação (gráfico). Fonte: Google Earth.

O transecto percorrido inicia-se no Cristo Redentor de Pará de Minas (ponto 1) e segue para a Rua Divinópolis até a avenida Mathias Lobato (paralela ao ribeirão Paciência), percorre esta até a rua Presidente Kennedy, onde converge-se a direita (ponto 2) em direção à avenida Alano Melgaço até a estação ferroviária. Na primeira rua citada, em seus primeiros quarteirões, percebe-se unicamente edificações residenciais com baixo padrão construtivo e/ou de acabamento.

A medida que se aproxima da avenida Mathias Lobato, nela própria e nas demais, pode-se perceber o surgimento de edificações voltadas a comércio e serviços, como hipermercado, salão de beleza, drogaria, bar, restaurante, clínica odontológica, oficina de torno e solda, madeireira e loja de produtos agropecuários. As ruas apresentam pista de rolamento de largura inferiores a 8 metros, ao passo que tais pistas nas avenidas possuem largura de 10 metros ou mais. Percebe-se também que o fluxo de carros e pedestres nas ruas é quase nulo e nas avenidas, embora seja constante, não apresenta grande intensidade.

Na estação ferroviária, atravessou-se para a praça Torquato de Almeida, seguindo para a rua dos Expedicionários, a qual foi percorrida por aproximadamente 170 metros até à rua Dr. Higino, de onde seguiu-se para a rua Benedito Valadares, a qual foi percorrida por cerca de 250 metros, até a rua do Cruzeiro.

Durante todo esse trecho do trajeto, observou-se grande adensamento das construções e maior verticalização, com imóveis voltados a serviços, comércio e órgãos governamentais (levando em consideração apenas o pavimento térreo e com exceção do imóvel nº183 da rua Benedito Valadares, o qual é uma antiga construção abandonada e tombada pela prefeitura de Pará de Minas), tais como: agências bancárias, feira de variedades, lanchonetes e restaurantes, hotéis, lojas de vestuário e calçados, farmácias, praça, chaveiro, amolador, açougue, loja de material de limpeza, sacolão, telefonia móvel, escola, escritório de advocacia, loja de produtos eróticos, previdência social, secretaria municipal de cultura, etc.

Em grande parte são construções modernas, com três exceções de prédios antigos: escola municipal Torquato de Almeida, a Secretaria de Municipal de Cultura e a clínica médica Clitomed. As pistas de rolamento das ruas desse trecho tem entre 5 e 11 metros. Já as calçadas são estreitas, não comportando muitos pedestres. O fluxo de pedestres e automóveis é intenso, com destaque para o grande numero de motocicletas ao longo do trajeto.

Após aquele trecho, seguiu-se a rua do Cruzeiro, até a rua Elvira Duarte, da qual prosseguiu-se para as ruas Treze de Maio, Lourenço de Maio e Tabatinga até chegar a avenida Professor Melo Caçado (ponto 3). No início da rua Cruzeiro observou-se alternância na função das edificações: comercial (segurança eletrônica e informática) e de serviços (escola e, sobretudo, de saúde) e residencial. Posteriormente a exclusividade de imóveis residenciais se torna clara, à exceção do cruzamento com a rua Maestro Espíndola, no qual há mercearia, açougue, drogaria, bar e fotocopiadora. Nas demais ruas também prevalecem imóveis residenciais (de padrão construtivo e de acabamento de baixo a alto), mas à medida que se aproxima da avenida Professor Melo Caçado lojas de autopeças são encontradas.

Nessa avenida predominam imóveis comerciais, como loja de autopeças e acessórios para carros, serralheria, loja de insumo agrícola e restaurante, apesar de alguns imóveis residenciais também ocuparem esta avenida. Todas as ruas desse trecho apresentam calçada e pista de rolamento bastante estreitas e com pouco tráfego de automóveis e pessoas. Já na avenida há duas faixas em cada pista de rolamento (mão e contramão), embora o tráfego ali não seja intenso.

Estrutura Morfológica-funcional de Pará de Minas

A estrutura morfológica funcional de Pará de Minas se assemelha ao modelo morfológico funcional elaborado por Amorim Filho para estudar as cidades médias. Durante o percurso feito em campo foi possível visualizar todas as zonas urbanas da cidade, conforme se observa no trajeto representado na Figura 3.

Nota-se a existência de uma Zona Central, alocada na porção central do tecido urbano. Nessa zona, limitada latitudinalmente pela Avenida Alano Melgaço e Rua Benedito Valadares, é possível verificar a presença majoritária de equipamentos comerciais diversificados. Além disso, notou-se um intenso movimento de pessoas e veículos e a presença de verticalização.

Partindo-se do pressuposto de que cada zona da cidade exerce uma função específica para a manutenção e equilíbrio do tecido urbano, a zona central desempenha a função de fornecedora de serviços. Dessa forma, o fluxo de pessoas, veículos e mercadorias é mais intenso nessa região da cidade. Para desenvolver adequadamente sua função é necessário que a forma apresentada seja condizente com a mesma. Contudo, não há nessa zona da cidade uma consonância entre forma e função. As rede viária e calçadas estreitas (forma) dificultam a mobilidade de pedestres e veículos (figura 4). Algumas construções antigas foram refuncionalizadas, sem que a forma tenha sido readaptada. Supõe-se que isso se deve a construção da cidade ter-se dado inicialmente nessa porção do município, em um período no qual a população a ser atendida, bem como a função exercida, tinham menores dimensões.

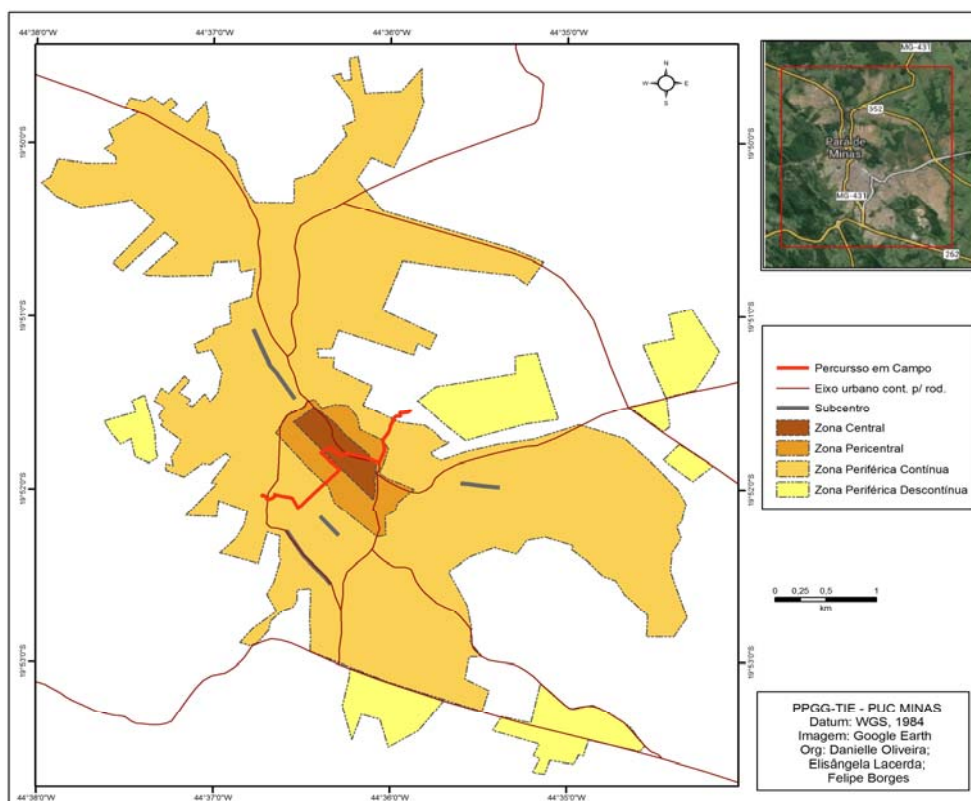


Figura 3: Modelo Morfológico Funcional da Cidade de Pará de Minas



Figura 4. Rua Benedito Valadares - Zona Central - Prédios comerciais, calçada estreita, alto fluxo de pedestres, e veículos, antiga construção transformada em hospital (em azul).

A Zona Pericentral de Pará de Minas desempenha majoritariamente, função residencial. Todavia, para atender as demandas mais essenciais da população residente, é comum a presença de subcentros (não demarcados no mapa por ocultar o transecto). Nessa zona observou-se a presença de subcentros, ainda que não como o centro, diversificado (avenida Mathias Lobato), e especializado em saúde, embora haja outros equipamentos (início da rua do Cruzeiro) (figura 4) mas sobretudo residências uni e plurifamiliares. Devido à sua função, o fluxo de pessoas e carros nessa zona é menor, possuindo forma condizente com tal.

A Zona Periférica Contínua da cidade é a mais extensa e desempenha em maior escala a função residencial, onde marcadamente se nota a presença de alguns subcentros funcionais, principalmente próximos aos eixos rodoviários (por exemplo, na Avenida Professor Melo Cansado), prioritariamente voltados para o setor automobilístico (loja de autopeças e oficinas) e outros voltados a necessidades diárias da população residente (padaria, drogaria, etc.) (rua Maestro Espíndola). Trata-se de uma Zona Periférica estruturada (pavimentação, distribuição de água pela rede geral, rede coletora de esgoto, calçadas), tornado sua forma consoante à sua função. Pode-se notar ainda que tal periferia abriga populações de diferentes poder aquisitivo.



Figura 5. Zona pericentral de Pará de Minas.



Figura 6. Zona periférica contínua em Pará de Minas.

A Zona Periférica Descontínua da cidade é organizada a partir da formação de novos loteamentos, de modo que não se constatou a existência de uma periferia

desorganizada marcada pela presença de vilas e favelas. Foi possível observar a existência de residências de alto padrão construtivo (fino e luxo), indicando uma população de alto poder aquisitivo. Apesar disso, alguns pontos da Periferia Descontínua Organizada apresentam deficiências, principalmente no tocante ao asfaltamento de suas vias, que na maioria dos casos não possui pavimentação, o que se deve, em grande medida, ao fato de serem bairros de recente criação. Nas proximidades do aeroporto estão sendo criados novos loteamentos, aparentemente esse é o vetor de crescimento da cidade.

Na Zona Periurbana da cidade, área de transição entre as funções urbanas e rurais que o município apresenta, é possível observar a existência de atividade mineradora, especialmente, na porção sul do município.

Assim, constatou-se que a cidade de Pará de Minas apresenta uma morfologia interna semelhante ao que é encontrado em outras cidades médias, onde cada área se faz responsável por desempenhar uma determinada função que contribui para o equilíbrio do tecido urbano. Através de uma considerável rede viária, onde se faz presente importantes rodovias que ligam diversas partes do país, Pará de Minas mantém contato com importantes cidades, como Belo Horizonte, além de permitir o fácil escoamento de sua produção.

CONCLUSÃO

O trabalho de campo é parte essencial no método de pesquisas geográficas. O desenvolvimento criterioso de todas as etapas referentes a um trabalho de campo possibilita a compreensão de grande parte da realidade de dado espaço.

Serviços especializados como saúde e autarquias do governo atraem a população de municípios próximos, mantendo Pará de Minas como uma das principais cidades do eixo perimetropolitano centro-oeste.

O distrito sede de Pará de Minas conta com quatro zonas: Central, Pericentral, Periferia contínua e Periferia descontínua, além de alguns eixos urbanos continuados por rodovias e quatro subcentros, caracterizando uma mancha urbana polinuclear. A zona central, embora seja a menor, é aquela que oferece o maior número de serviços, ao passo que nas zonas periféricas encontram-se a maior parte das residências.

As formas das edificações e rede viária da zona central encontram-se em dissonância com a função que a mesma exerce. O fluxo de pedestres e automóveis mostra ser mais intenso que a capacidade de escoamento. Já as zonas pericentral e periférica contínua, bastante estruturada, possuem forma e função consonantes.

O modelo morfológico-funcional aplicado a Pará de Minas é apenas um esboço inicial, pautado no padrão encontrado no transecto percorrido. São necessários mais trabalhos de campo para a verificação das formas e funções da mancha urbana de Pará de Minas para a confecção de uma representação final.

REFERENCIAS

ALENTEJANO, P; ROCHA-LEÃO, O. M. Trabalho de campo: uma ferramenta essencial para os geógrafos ou um instrumento banalizado? Boletim Paulista de Geografia, São Paulo, v. 1, p. 37-54, 2006.

AMORIM FILHO, O.; SERRA, R. V. Evolução e perspectivas do papel das cidades médias no planejamento urbano e regional. In: ANDRADE, T. A.; SERRA, R. V. (org.) Cidades médias brasileiras. Rio de Janeiro: IPEA, 2001. p.1-34.

AMORIM FILHO, Oswaldo Bueno e SENA FILHO, Nelson de. A Morfologia das Cidades Médias. Goiânia: Editora Vieira, 2007.

AMORIM FILHO, Oswaldo Bueno; RIGOTTI, José Irineu Rangeu e CAMPOS, Jarvis. Os Níveis Hierárquicos das Cidades Médias de Minas Gerais. RA'É GA, Curitiba, n. 13, p. 7-18, 2007.

AMORIM FILHO, W. B. Notas de Trabalho de Campo em Pará de Minas. Belo Horizonte: Programa de Pós-Graduação em Geografia da PUC Minas: Belo Horizonte, 2013. Notas de campo da disciplina Metodologia da Pesquisa Geográfica.

BUENO, G. T. Notas de Trabalho de Campo em Pará de Minas. Belo Horizonte: Programa de Pós-Graduação em Geografia da PUC Minas: Belo Horizonte, 2013. Notas de campo da disciplina Metodologia da Pesquisa Geográfica.

CONTI, A. O espaço perimetropolitano de Belo Horizonte: uma análise exploratória. Tese (Doutorado). PUC Minas, Belo Horizonte, 2009.

CPRM. Base Cartográfica Mapa Geológico de Minas Gerais. 2003. Disponível em: < http://www.cprm.gov.br/publique/media/mapa_para_minas.pdf >. Acesso em: 10 jan. 2014.

IBGE Cidades. Pará de Minas. Disponível em: < <http://cidades.ibge.gov.br/painel/historico.php?lang=&codmun=314710&search=minas-gerais%7Cpara-de-minas%7Cinfograficos:-historico> > . Acesso em janeiro de 2014.

IGAM. Base Cartográfica Bacias Estaduais Ottocodificadas. 2010 Disponível em: < <http://www.igam.mg.gov.br/geoprocessamento/downloads/1246> >. Acesso em: 10 jan. 2014.

KAISER, B. O Geógrafo e a Pesquisa de Campo. Boletim Paulista de Geografia, v. 84, p. 93-104, 2006.

LACOSTE, Y. A pesquisa e o trabalho de campo: um problema político para os pesquisadores, estudantes e cidadãos. Seleção de Textos, 11. São Paulo: AGB, 1985.

SEGEM. Plano Diretor de Desenvolvimento Integrado da Região Metropolitana de Belo Horizonte - Volume 1. Belo Horizonte, 2011.

SERPA, A. S. P. . O Trabalho de Campo em Geografia: Uma Abordagem Teórico- Metodológica. Boletim Paulista de Geografia, v. 84, p. 7-24, 2006.

SOARES, Beatriz Ribeiro e MELO, Nágela Aparecida. Cidades Médias e Pequenas: reflexões sobre os desafios no estudo dessas realidades socioespaciais. In: LOPES, D. M. F. e HENRIQUE, W. (Org.). SALVADOR: SEI. Cidades médias e pequenas: teorias, conceitos e estudos de caso, 2010.

SPOSITO, Maria E. B. As cidades médias e os contextos econômicos contemporâneos. In: SPOSITO, M. E. B. (org.) Urbanização e cidades: perspectivas geográficas. Presidente Prudente: (S.n.), 2001.

STEINBERGER, Marília e BRUNA, Gilda Collet. Cidades Médias: elos do urbano-regional e do público-privado. In: ANDRADE, T. A.; SERRA, R. V. (org.) Cidades médias brasileiras. Rio de Janeiro: IPEA, 2001. p.1-34.

UFV, UFLA, CETEC, FEAM, GOVERNO DO ESTADO DE MINAS GERAIS. Base Cartográfica Mapa de Solos do Estado de Minas Gerais - Folha 4. 2010.

Contato com o autor: lacerda801@gmail.com

Recebido em: 14/01/2015

Aprovado em: 31/05/2015